

A NÃO-ARBITRARIÉDADE ENTRE FORMA E SENTIDO

Lucia Helena Lopes de Matos (UFRRJ)

lhlmatos@yahoo.com.br

Em nossos estudos, temos procurado nos alinhar aos fundamentos da linguística cognitiva que aponta para o fato de que as representações de nossas experiências não processam as propriedades e as entidades do mundo de forma direta, mas figurativamente e que os significados não estão agregados às formas linguísticas, mas são construções mentais produzidas pelo sujeito em situações pragmaticamente definidas por um contexto limitado por modelos de cenários ou molduras comunicativas.

A autonomia que faz o sujeito optar por uma determinada forma para atuar em determinado contexto vai, através de processos de inferência, determinar qual a interpretação pertinente que se deve dar àquele enunciado, resolvendo, de certa forma, a “ilimitação da semiose”, de que nos fala Pierce (1977)

Trocando em miúdos, as experiências e conhecimentos que acumulamos ao longo da nossa existência ficam armazenados na memória em arquivos chamados de domínios que são definidos por áreas de sentidos. Entre esses domínios vão ocorrer as projeções metafóricas, as ativações de entidades ou subdomínios que selecionam, num processo de saliência, a relação metonímica, os deslizamentos semânticos perfilados entre os membros prototípicos e os membros periféricos e a polissemia. Essas informações armazenadas serão acessadas pelo usuário da língua, organizadas em pensamentos e estruturadas em linguagem que se atualiza em um determinado contexto, possibilitando que uma mesma forma possa ter sentidos diferentes se a situação comunicativa assim o exigir.

É através dessas correspondências entre domínios mentais sancionados pelos esquemas imagéticos, os modelos cognitivos idealizados e os esquemas culturais que vai tomando forma a organização da gramática das línguas naturais, totalmente contaminada pelos processos figurativos. Perfilome, dessa forma, com o que diz Chiavegatto (2002, p. 191)

A faculdade da linguagem é, assim, parte de um sistema cognitivo mais amplo, o que explica as similaridades que podem ser encontradas entre as línguas naturais. A integração de aspectos das experiências socioculturais aos sistemas linguísticos, por seu turno, explica as particularidades que os caracterizam. Esta feição particularizante das línguas humanas, fruto da amoldagem das estruturas linguísticas aos conceitos sociocomunicativos, torna, cada lín-

gua natural, fator de instauração de identidades e referências, tanto para seus usuários, quanto para a comunidade à qual se insere.

Daí podemos concluir que as construções linguísticas, sejam lexicais, gramaticais ou discursivas são manifestações do pensamento conceptual cuja transfiguração em linguagem, na maior parte das vezes, é representada por processos figurativos.¹⁴ É importante, porém, observar que, embora abrace essa posição, não nos engessamos à rigidez de um aspecto mentalista que enforma todos os indivíduos num mesmo esquema de competência, pois isso seria, de certa forma, um retorno às premissas chomskianas. Precisa-se levar em conta, como alertam Gibbs & Steen (1997, p. 3) que, como armazenamos em domínios as experiências tanto sociais quanto individuais, é possível que nem todas as pessoas possuam um sistema conceptual metafórico com o mesmo grau de complexidade. Além do mais, também é possível que “partes dessas metáforas conceptuais tenham que ser (re)construídas de diferentes maneiras em diferentes ocasiões” (*idem*). Questões como essas continuarão a ser levantadas e outras pesquisas aparecem para preencher lacunas e aperfeiçoar as já existentes, em uma tentativa de dar conta dessas e outras limitações que não abraçam a totalidade de um assunto tão complexo.

Apesar de tantas variáveis virem à tona, o cenário que se descortina é de um novo paradigma para as questões do significado e consequentemente para natureza da gramática que é cognitiva e semanticamente motivada. Segundo Fauconnier, não é na forma que está o significado, mas ela o guia através de pistas produzidas/inferidas pelo produtor/receptor numa construção que se apoia não somente nas propriedades semânticas das categorias e suas associações nos enunciados, mas também nas propriedades semânticas que não estão visíveis, mas são apreensíveis pelas correspondências que cada indivíduo faz com as suas experiências, com seus modelos cognitivos idealizados (MCI), enfim, com seu conhecimento de mundo.

Dentre os processos figurativos que emanam em linguagem, não há dúvida que a metáfora tem sido a mais estudada e, numa hierarquia

¹⁴ Em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002, p. 21), Lakoff & Johnson “mostram que a linguagem cotidiana é densamente metafórica e apenas parcialmente literal (...) Exemplificando: uma frase como ‘o balão subiu’ não é metafórica e tampouco ‘o gato está sobre o tapete’ (...). Mas tão logo nos distanciemos da experiência concreta e comecemos falar de abstrações e emoções, a compreensão metafórica é norma”.

topológica, não há dúvidas sobre a primazia da metáfora, ainda que essa posição não faça justiça à metonímia.

Não há limites para a metáfora – segundo explicam José Antonio Millán e Susana Narotzky na introdução da versão em espanhol de *We live by* – porque ela pode manifestar-se em todos os tipos de elementos gramaticais, inclusive “nas preposições, quase todas espaciais, nas perífrases verbais de aspecto (ir, andar, vir, estar, seguir, chegar, etc.), nos adjetivos que denotam dimensões físicas”, enfim, muito do sistema linguístico é estruturado em cima de conceitos ou sistemas metafóricos ancorados na práxis social.

De fato, a espacialidade, a situação dos objetos em um mundo físico orientado pela gravidade é uma importante fonte de metáforas em muitas línguas (Acima é bom). No entanto, não se pode generalizar; ao que parece, não há nenhum “universal” desse tipo a que se atenham todas as línguas. As metáforas são basicamente culturais e, além disso, em grande medida próprias de cada língua determinada. (Tradução nossa.)¹⁵

Lakoff & Johnson demonstram, ainda, que, como existe a metáfora conceptualizada em termos de espaço, ela vai estar presente também no eixo sintagmático das frases para produzir efeitos de sentido, já que as palavras são dispostas de forma linear umas após as outras repetindo o mesmo esquema conceptual que direcionam nossa compreensão para o que seja próximo, distante, longo, curto, primeira posição, mais, menos etc., influenciando, assim, no conteúdo que assume um caráter motivado pelas nossas experiências cognitivas.

Eles partem de algumas metáforas espaciais (orientacionais) para provar de que forma elas vão se manifestar linguisticamente para atuar no sentido. Faremos um quadro para melhor visualizar aquilo que eles expõem:

METÁFORA: Manifestação linguística baseada na metáfora conceptual

Mais forma é mais conteúdo: Ele correu e correu e correu e correu. (maior efeito do que “Ele correu”)

¹⁵ De hecho, la espacialidad, la situación de los objetos en un mundo físico orientado por la gravedad es una importante fuente de metáforas en muchas lenguas (Arriba, Erguido es Bueno). Sin embargo, no se puede generalizar; a lo que parece, no hay ningún “universal” de este tipo al que se atengan todas las lenguas. Las metáforas son básicamente culturales, y además en gran medida propias de cada lengua determinada. (MILLÁN & NAROTZKY, *apud* LAKOFF & JONSON, 2001, p. 24)

Ele é muito muito muito alto. (maior efeito do que “Ele é muito alto). Ele é gra-a-a-a-ande! (maior efeito do que “Ele é grande). Muitos idiomas, em todo o mundo, recorrem ao recurso morfológico da reduplicação, isto é, da repetição de uma ou duas sílabas da palavra, ou de toda palavra. Pelo que sabemos, todos os casos de reduplicação, nos diferentes idiomas do mundo, são exemplos em que MAIS FORMA indica MAIS CONTEÚDO.

Maior proximidade, maior efeito semântico: Quais são os homens mais próximos a Khomein? (maior efeito que: Quais são os homens que exercem maior influência sobre Khomein?)

Então quanto MAIS PRÓXIMA a forma A estiver da forma B, mais forte será o efeito de sentido de A sobre o sentido de B:

1) “Maria não acha que ele partirá amanhã” e “Maria acha que ele não partirá amanhã”. Na segunda frase o **não** nega mais o partir do que o achar, a força da negativa está mais próxima do predicado mais relevante. 2) “Ensinei grego para Harry.” e “Ensinei ao Harry grego.” Na segunda frase, em que ensinar e Harry estão próximos, a sugestão de que Harry realmente aprendeu o que lhe foi ensinado é maior – isto é, o ato de ensinar teve um efeito sobre ele.

Resumindo, em todos esses casos uma diferença de forma indica uma diferença sutil de sentido. A natureza dessas diferenças é dada pela metáfora QUANTO MAIOR A PROXIMIDADE, MAIOR É O EFEITO, em que a PROXIMIDADE se aplica aos elementos da sintaxe da frase, enquanto o EFEITO se aplica ao sentido da frase.¹⁶

Lakoff & Johnson chamam atenção, ainda, para a “coerência metafórica na gramática” (2002, p. 229), levando-se em conta a metáfora conceitual UM INSTRUMENTO É UM COMPANHEIRO que pode manifestar-se em proferimentos linguísticos como “Com esta caneta viajo o mundo e produzo meus textos”. Fica claro perceber o porquê de a mesma preposição **com**, que serve ao adjunto adverbial de instrumento, servir também ao adjunto adverbial de companhia, derrubando, assim, o aspecto arbitrário de determinados signos.

É, também, interessante a percepção, segundo eles, de que a metáfora orientacional DESCONHECIDO É PARA CIMA e CONHECIDO É PARA BAIXO (“Sua sugestão ficou no ar”; “Assentei minhas propostas”) vai marcar a entonação para cima nas perguntas e a entonação para baixo nas afirmações.

Observam eles que certas duplas sintagmáticas como: “Para cima e para baixo; Para frente e para trás; Ativo e passivo; Bom e mau; Aqui e

¹⁶ Os exemplos e as explicações inseridos no quadro foram retirados integralmente de (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 228)

lá; Agora e então”, são mais comuns do que os seus contrários: Para baixo e para cima; Para trás e para frente; Passivo e ativo; Mau e bom; Lá e aqui; Então e agora”. Explicam que isso se deve ao fato de guiarmo-nos conceptualmente por uma “pessoa canônica” e termos uma imagem que reverte para nós de que somos “mais altos do que baixos”, estamos “mais para frente do que para trás”, somos “mais ativos do que passivos”, somos “mais bons do que maus”, e, por vivermos no presente, no lugar em que estamos, é que “nos vemos mais aqui do que lá, e agora mais do que então (naquele tempo). Esse fato cultural marca nossas experiências que se refletirão no nosso modo de dizer (2002, p. 227).

Em outras palavras, a sintaxe não é independente do sentido, especialmente dos aspectos metafóricos do sentido. A “lógica” de uma língua baseia-se nas coerências entre sua forma espacializada e seu sistema conceptual, e principalmente os aspectos metafóricos do sistema conceptual. (2002, p. 234)

Segundo a concepção aqui levada em conta, a gramática é extremamente motivada e o significado passa por um processo de pragmatização. Visto isso, o sistema linguístico, em seus diferentes níveis de análise, é bastante dinâmico e, segundo os linguistas cognitivos, esse fato vai pôr em questão a dicotomia sincronia/diacronia, já que a função discursiva está permanentemente atuando na estrutura sintática das línguas.

Dentro da lógica cognitivista, os domínios, por albergarem experiências e conhecimentos de mundo, não podem naturalmente ser rígidos e inflexíveis. Suas categorias, dependendo do contexto (fator de dinamização das formas/significados e estruturações sintáticas), vão ativar membros prototípicos ou periféricos de uma categoria, projetá-los em outros domínios em processos figurativos, ou acionar seja o valor polissêmico de um item lexical, seja os processos neológicos que vão dar vitalidade a uma estrutura que, por esse motivo, não se pode olhar pela ótica da rigidez.

Na medida em que qualquer enunciação está carregada de valores, experiências e até mesmo ideologias, logicamente compartilhados por um mesmo grupo social e referendados por um contexto que é emoldurado por modelos cognitivos idealizados, esquemas imagéticos e modelos culturais, há uma implicação do emissor no seu enunciado e um certo grau de subjetividade que vai demandar no uso expressivo da linguagem e no enriquecimento pragmático da mesma. Daí a hipótese da ‘gramática emergente’ de Hopper ao assegurar que “a gramática sempre é emergente, nunca presente [...] sempre está se fazendo”. “Em outras palavras, não

há ‘gramática’, mas sim ‘gramaticalização’ – movimentos em estruturas que frequentemente se podem caracterizar de maneira típica”.

As modificações que as funções discursivas impõem à estrutura fonológica, léxica e morfossintática das línguas marcam, além dos processos de gramaticalização, a evidência da importância do sujeito na atribuição dos sentidos. Levam-se em conta, assim, a situação comunicativa e o texto para as fundamentações da contextualização, dificultando traçar os limites entre os aspectos lógicos e sociais do significado (CUENCA & HILFRETY, 1999, p. 186)

Esta concepção enciclopédica do significado se relaciona com a ideia de que não existe uma diferença categórica entre o significado literal e o figurado (donde se incluem as expressões idiomáticas, as metáforas e metonímias e as extensões semânticas como a polissemia). Por outro lado, justifica que a estrutura semântica não se considere universal, porém, até um certo ponto, dependente de uma língua determinada. As habilidades cognitivas e a experiência são comparáveis entre culturas, mas a maneira como se constrói um significado concreto está sujeito a variáveis interlingüísticas e culturais. (*Idem*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho Gramática: uma perspectiva socio-cognitiva. In: CHIAVEGATTO, Valéria Coelho (Org.). *Pistas e travessias II*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

CUENCA, Maria Joseph; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel, 1999.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS, Raymond W. Jr.; STEEN, Gerard J. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: General Editor E. F. Konrad Koerner (University of Ottawa), 1997.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. In: *13th Annual meeting*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 1987, p. 139-157.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad.: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

_____. *Metáforas de la vida cotidiana*. Trad.: Carmen González Marín. 5. ed. Madrid: Catedra, 2001. (Colección Teorema)

PEIRCE, Charles. *Semiótica*. Trad.: José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977; Pontes, 2001.